

Pesquisa, extensão e troca de saberes:
um relato de experiência a partir da pesquisa
"Mulheres rurais e uso do tempo"



Créditos

EXPLORACIONES N° 55

Autoría: Lorena Lima de Moraes - Juliana Funari - Nathália Marques da Silva Nascimento - Roberta Cristina Gomes



**TERCER
LUGAR**

CONCURSO de Jóvenes 2019

“Mujeres Rurales: Innovando estrategias, transformando realidades”

ISBN: 978-9917-9811-2-1

D.L.: 4-4-1102-20

ISBN: 978-9917-9811-2-1



9 789917 981121

Edición, diseño y diagramación:

IPDRS

Contáctanos



www.sudamericarural.org



[/IPDRS](https://www.facebook.com/IPDRS)



[/sudamerica_rural](https://www.instagram.com/sudamerica_rural)



[@IPDRS](https://twitter.com/IPDRS)



[Sudamérica Rural IPDRS](https://www.youtube.com/SudamericaRuralIPDRS)

La Paz, Octubre de 2020

Índice

1. Quem somos, de onde viemos e o que nos une?.....	4
1.1. Lorena Moraes.....	4
1.2. Nathália Marques.....	5
1.3. Roberta Gomes.....	6
1.4. Juliana Funari	7
2. Sobre o tempo e os nossos interesses	8
3. Metodologias para a pesquisa do uso do tempo em contextos rurais.....	9
4. Trabalho de campo muito além da coleta de dados	19
5. Análise feminista dos dados e valorização do trabalho das mulheres	22
6. O que aprendemos e o que compartilhamos?	24
BIBLIOGRAFÍA.....	25

Pesquisa, extensão e troca de saberes: um relato de experiência a partir da pesquisa “Mulheres rurais e uso do tempo”

Lorena Lima de Moraes
Juliana Funari
Nathália Marques da Silva Nascimento
Roberta Cristina Gomes

1. Quem somos, de onde viemos e o que nos une?

1.1 Lorena Moraes

Sou feminista, doutora em Ciências Sociais e professora universitária na Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE-UAST). Sou natural de Belém do Pará, região norte do Brasil, e as mudanças na configuração familiar permitiu com que eu morasse em vários lugares do país, como Rio de Janeiro (RJ), Natal (RN) e Porto Alegre (RS), sempre vivenciando experiências urbanas nestas cidades. Em 2013, aos 27 anos, enquanto cursava doutorado, passei no concurso para professora universitária. Nesta época, eu morava no Rio de Janeiro e sair desta metrópole para morar numa pequena cidade do interior do país, foi um tanto quanto impactante. No entanto, eu me adaptei muito rápido e não perdi a chance de conhecer várias comunidades rurais e quilombolas, através da participação em projetos de extensão universitária, ainda no primeiro ano de residência na cidade de Serra Talhada – PE, sertão pernambucano.

Esta cidade é conhecida por ser a cidade de origem do cangaceiro Lampião (Virgolino Ferreira), um temido justiceiro, que lutava contra as desigualdades sociais a seu modo, na base de violentas mortes, vinganças, machismos e crueldades. Contudo, Serra Talhada também é conhecida por ser uma das primeiras cidades brasileiras a fundar um Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais – Sertão Central (MMTR-SC), no início da década de 1980. Assim, esta cidade, que carrega características culturais provenientes do machismo e do coronelismo, apresenta um paradoxo, que é a resistência das mulheres rurais, organizadas em movimentos sociais que fortalece diversos grupos de mulheres rurais das cidades circunvizinhas.

Quando cheguei em Serra Talhada, investigava a Criminalização da Homofobia no Brasil, no entanto, ao me aproximar e conhecer pouco a pouco a realidade das mulheres rurais, não exitei em mudar o tema da minha tese de doutorado, que foi concluída em 2016, com o título Entre o público e o privado: a participação política de mulheres rurais no sertão pernambucano. No ano seguinte, fundei o DADÁ: Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero,

Sexualidade e Saúde, no qual sou coordenadora. O grupo se mantém dia após dia mais fortalecido porque é constituído por várias professoras e estudantes da UFRPE-UAST, bem como de outras instituições de ensino superior da cidade de Serra Talhada e outras profissionais. Dentre as diversas atividades de ensino, pesquisa e extensão que desenvolvemos voltadas para mulheres rurais e jovens rurais e urbanos, além das atividades voltadas às questões da população LGBT, desde 2018, estamos desenvolvendo a pesquisa Mulheres rurais e uso do tempo: divisão sexual do trabalho e relações de gênero no estado de Pernambuco. Esta pesquisa, que será detalhada nas próximas páginas, surgiu a partir das minhas inquietações durante o processo de escrita da tese de doutorado, e tem me possibilitado mergulhar ainda mais no universo das mulheres rurais, provocando um processo intenso de amadurecimento pessoal e profissional, onde aprendo e compartilho seus saberes e dificuldades e ainda, possibilita a inserção científica e acadêmica das minhas alunas, que são jovens universitárias e revivem um pouco da história das suas famílias, além de amadurecer junto e se inspirar na jovem professora.

1.2 Nathália Marques

Meus avós maternos e paternos nasceram e se criaram na zona rural trabalhando e morando nas terras de familiares e/ou nas terras dos seus patrões que eram fazendeiros. Viviam unicamente da sua renda na roça e pelos serviços prestados aos seus patrões ou moradores da região (por meio de diária de serviço). Meus pais também viveram em tais condições, porém, começaram a se deslocar para a cidade para terminar os estudos e, quando finalizaram o 2º grau escolar, optaram por se mudar de vez para Salvador (BA), para buscarem melhores condições de trabalho.

Quando eu nasci, acabei indo morar com meus avós paternos em Serra Talhada (PE), pois a minha mãe trabalhava em casa de família e a patroa dela não aceitava funcionária com filhos, a ponto de me maltratar quando teve oportunidade. Dessa forma, fui criada pelos meus avós paternos que eram agricultores. Estudei a minha vida inteira em escola pública na cidade e a minha avó se deslocava comigo entre a zona rural e urbana, para garantir a minha educação escolar.

Aos 15 anos, ingressei numa boa escola também pública, onde estudava em tempo integral. A base que tive nesta escola me garantiu uma boa nota para entrar no curso de Bacharelado em Ciências Biológicas na UAST. No segundo período conheci a professora Lorena e trabalhei com ela em um projeto sobre mulheres rurais que se desviavam dos padrões de gênero esperados para elas, ou seja, casar e ter filhos. Neste projeto, tive a oportunidade de conhecer uma realidade diferente das mulheres rurais da minha família, pois, conheci mulheres idosas, solteiras e que não eram mães, pois tinham outros interesses e ideais de vida, como por exemplo, militar nos movimentos sociais em prol de uma vida melhor para

todos, ou seja, para além da sua família.

A minha segunda experiência em projetos de iniciação científica, desta vez, na condição de bolsista (PIBIC/CNPq), foi na pesquisa Mulheres rurais e Uso do tempo, onde participei da construção da metodologia com as demais pesquisadoras e fui várias vezes para a casa das mulheres realizar pesquisa de campo. Gostaria de destacar também, que neste ano de 2019, eu vivenciei a incrível experiência, oportunizada pelo DADÁ, de participar da VI Marcha das Margaridas e da I Marcha das Mulheres Indígenas, em Brasília. Eu e mais quatro alunas integrantes do DADÁ, viajamos 1.921km de ônibus, com várias mulheres rurais que representavam diferentes municípios do Território do Sertão do Pajeú - PE e os respectivos sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais. Esta experiência, intensa e inesquecível, me possibilitou adquirir ainda mais conhecimento e valorizar a luta das mulheres rurais.

1.3 Roberta Gomes

Sou licencianda do curso de Letras na Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Serra Talhada. Nasci e cresci na cidade de Serra Talhada, interior de Pernambuco, por ser uma cidade que contrasta o centro urbano e suas periferias mais ruralizadas, o contato com o rural sempre esteve presente na minha infância e adolescência. Nas férias escolares passava meses convivendo nesse meio e sempre observava a força e determinação das mulheres da minha família, pois, a minha família materna toda se encontrava morando na zona rural, com exceção da minha mãe, que ao casar com meu pai foi morar na cidade.

Minha mãe casou pouco antes de terminar os estudos. Com o passar do tempo, ela percebeu que não ter concluído os estudos lhe faz falta até os dias atuais. Por isso, ela nunca mediu esforços para garantir que eu e minha irmã tivéssemos uma boa educação. Aos 15 anos, ingressei numa escola pública e integral e, desde essa época eu já sonhava em fazer faculdade e ser professora. Esta escola, que é de referência na cidade, me capacitou para que em 2019, aos 18 anos eu conseguisse entrar na universidade, e, este sonho só foi possível, porque há uma universidade pública na minha cidade¹, caso contrário, eu não teria condições financeiras de ir estudar em outra cidade.

Obtive boa pontuação não só para ingressar no curso que escolhi, mas também, para acessar uma Bolsa de Incentivo Acadêmico (BIA)². Esta bolsa é concedida aos estudantes que estudaram em escola pública e que tiveram a maior nota da turma no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Os professores do curso apresentam seus projetos de pesquisa e a/o estudante selecionada/ o escolhe qual projeto quer executar, e foi assim que conheci a professora Lorena, seu projeto e me tornei membro do DADÁ. Após seis meses desenvolvendo as atividades do projeto da bolsa BIA, hoje, dou continuidade a este projeto, já na condição de bolsista de iniciação científica (PIBIC/CNPq), investigando o tempo que as mulheres dedicam à participação política, comunitária e religiosa.

1.4 Juliana Funari

Sou mulher jovem, feminista e ambientalista, atuo há pelo menos 08 anos na área socioambiental, principalmente com mulheres de movimentos sociais, organizações comunitárias e de redes de agroecologia. Nasci e me criei na maior cidade da América Latina, São Paulo, onde muitos questionamentos sobre o modelo de desenvolvimento e desigualdades socioambientais foram se tornando para mim, reais motivações para tomada de decisão de fazer o caminho inverso da maioria da juventude que busca nos grandes centros urbanos oportunidades de “uma vida melhor”. Tive o privilégio de em 2013 escolher fazer o meu mestrado em Pernambuco, adotando esse estado e o Nordeste brasileiro como meu espaço de vida, pesquisa, aproximação mais intensa com as mulheres rurais, das águas, do campo e da floresta.

Nessa trajetória fui assessora técnica no programa de Direitos das Mulheres da ONG Actionaid Brasil de 2013 a 2016, onde pude trabalhar com mulheres rurais e urbanas de diversos estados do Nordeste. Em 2017, trabalhei com ONGs do campo da agroecologia de atuação local, me engajando também enquanto pesquisadora do DADÁ, em Serra Talhada-PE, onde morei por um ano. Em 2018, assumi o desafio de me mudar para o Maranhão para trabalhar como assessora técnica no Movimento Interestadual das Quebradeira de Coco Babaçu (MIQCB), o maior movimento de mulheres da América Latina, onde estou aprendendo com as guardiãs das florestas de babaçu o significado profundo do trabalho das mulheres para a defesa dos bens comuns, modos de vida e territórios tradicionais.

O que nos une, além do trabalho acadêmico e da convivência em uma cidade do interior do Nordeste brasileiro, é a luta contra todo tipo de violência (ambiental, machista, sexista, lgbtfóbica, racista, capacitista), contra as desigualdades de gênero, lutamos por condições de vida digna para as mulheres, sobretudo para as mulheres rurais, estudamos e construímos conhecimento evidenciando e aprendendo com as mulheres em suas especificidades, pluralidades, potencialidades de autonomia e processos de empoderamento. É com esse propósito que compartilhamos a proposta, os caminhos e aprendizados da pesquisa que estamos realizando coletivamente, com o intuito de dar visibilidade: às jornadas de trabalho das mulheres - traduzidas em quantidade de horas; à diversidade de trabalhos que

¹ A Unidade Acadêmica de Serra Talhada tem apenas treze anos e foi fundada durante o governo Lula, durante o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que democratizou o ensino superior levando ensino público, gratuito e de qualidade para os mais distintos pontos do interior do Brasil.

² A Bolsa de Incentivo Acadêmico é financiada pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia no Estado de Pernambuco e tem como objetivo apoiar as/os melhores alunas/os, egressas/os da rede pública de ensino, classificados no Exame Nacional do Ensino Médio para a UFPE, UFRPE e UPE, incentivando sua adaptação à vida universitária sob tutoria de docente pertencente ao quadro efetivo da instituição conveniada.

elas realizam; à ausência de divisão de tarefas em seus lares; à carga mental provocada pelo acúmulo diário de tarefas e; ao trabalho de cuidado familiar, comunitário e ambiental que as mulheres rurais desenvolvem em prol da lógica anticapitalista e de cuidado com o outro.

2. Sobre o tempo e os nossos interesses

Compreendemos que o tempo é um recurso fundamental presente na vida de todas as pessoas e pode ser usado de maneiras diferentes a depender da cultura, da organização social e de demais fatores externos que podem influenciar as vidas dos indivíduos. Corroboramos com Sorokin e Merton (1937), ao afirmarem que o tempo meramente quantitativo não tem nenhum significado se considerado sem as marcas da vida em sociedade, ou seja, é considerado um elemento vazio. Para os autores, a impressão de significados no tempo, determinados pelo ritmo da vida social é o que o torna qualitativo, sendo denominado pelos autores de “tempo social”. Contudo, a forma como as pessoas organizam, negociam e distribuem seu tempo e o tempo das pessoas ao redor, afeta o bem-estar econômico e social e acarreta impactos sobre a família e a comunidade onde vivem.

Neste sentido, as pesquisas sobre o uso do tempo estão cada vez mais adquirindo importância na formulação de indicadores para avaliar as condições de vida da população. Tais pesquisas correspondem a “uma das maneiras de elaborar esses indicadores e avaliar como o recurso ‘tempo’ é usado diferentemente entre homens e mulheres, entre os grupos etários, entre pessoas de grupos raciais distintos ou das várias classes sociais” (CAVALCANTI et al, 2010 p. 1). Além disso, é possível saber qual a proporção de tempo é destinada para cada atividade, com qual finalidade é executada, quem se beneficia, se as atividades são realizadas individualmente ou são compartilhadas, onde a atividade é realizada, se gera recursos monetários, etc.

María José Araya (2003) afirma que as primeiras pesquisas do uso do tempo datam do início do século XX, com iniciativas realizadas na Europa e nos Estados Unidos, com o objetivo de realizar estudos demográficos e industriais sobre populações rurais e urbanas e estudos psicológicos sobre as atividades de lazer das pessoas desempregadas. Somente a partir da década de 1970, as pesquisas do uso do tempo ganham um viés feminista, com o propósito de evidenciar a importância do trabalho doméstico não remunerado e a (injusta) divisão sexual do trabalho.

No Brasil, os trabalhos pioneiros, em nível estadual (RJ e MG) sobre uso do tempo foram desenvolvidos na década 1970 e 1990 (SOUZA, 1973; AGUIAR, 2001; 2010), respectivamente, contudo, somente em 1992, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) incorporou questões referentes ao trabalho doméstico e ao uso do tempo na Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD). Essa inclusão no questionário tinha como fim identificar os membros do domicílio que realizavam tarefas domésticas e questões referentes ao tempo gasto no deslocamento entre a casa e o trabalho. Em 2001, a PNAD incluiu questões sobre o número de horas semanais destinadas ao trabalho doméstico não

remunerado (BANDEIRA; PRETURLAN, 2016). Quase uma década depois, 2009-2010, o IBGE realizou uma pesquisa piloto do uso do tempo em seis estados brasileiros, incluindo contextos rurais.

Os estudos brasileiros do uso do tempo são considerados iniciais e exploratórios, uma vez que não existe uma pesquisa específica, com periodicidade e cobertura nacional, que permita mensurar a forma como os indivíduos destinam seu tempo a diferentes atividades, marcados pela ausência de estudos e pesquisas em contextos rurais e interioranos. Neste sentido, desenvolvemos uma pesquisa sob perspectiva feminista acerca do uso do tempo das mulheres rurais e das relações de gênero na região semiárida do estado de Pernambuco, Brasil.

Para o presente texto, o nosso objetivo é apresentar os percursos metodológicos e analíticos da pesquisa, realizados para a produção de dados sobre o uso do tempo das mulheres rurais intercalando com trechos dos nossos cadernos de campo, que revelam observações e emoções nossas e das mulheres rurais (as nossas companheiras interlocutoras).

3. Metodologias para a pesquisa do uso do tempo em contextos rurais

Analisando o estado da arte das pesquisas de uso do tempo, temos construído um caminho metodológico que contribui para superar lacunas existentes nesse campo de pesquisa. Em uma abordagem feminista crítica à divisão sexual do trabalho, em suas diversas faces e dinâmicas, partimos do pressuposto de que o tempo e seus usos não são neutros. De acordo com Lourdes Bandeira e Renata Preturlan (2016), mesmo quando coletamos dados objetivos, como na contabilização do tempo em diários de campo, a objetividade não está isenta de sobrevalorizar ou estigmatizar uma ou outra atividade, hierarquizando um sexo frente a outro.

Adotamos uma nova postura metodológica, apontada como necessária por estudiosas do uso do tempo, capaz de questionar o sistema hegemônico das relações de gênero, apreendendo as pluralidades, sobretudo, de forma mais qualitativa, com vistas a fornecer uma base de informações para a elaboração de políticas públicas e ações mais abrangentes e desestigmatizadas (BANDEIRA; PRETURLAN, 2016). Para tanto, construímos ferramentas de pesquisa complementares para coletar dados quantitativos de forma integrada aos dados qualitativos.

Percebendo a importância da combinação de pesquisas quantitativas mais universalizantes e amplas que vem sendo realizadas no Brasil, com pesquisas qualitativas localizadas e específicas para diferentes segmentos e grupos sociais, nossa preocupação central é desvelar, por meio de dados quantitativos e qualitativos, a realidade peculiar de mulheres rurais no contexto rural do Nordeste brasileiro, levando em conta aspectos culturais, econômicos,

ambientais e políticos locais, que influenciam e estruturam a organização do tempo e do trabalho.

Ao construirmos a oportunidade de vivência, aprendizagem e partilha com as mulheres rurais, contribuimos metodologicamente para o avanço na visibilidade de outras práticas sociais fora do trabalho formal, do mercado e mesmo do tradicional domínio da sustentabilidade da vida humana (CARRASCO, 2003), que não são captadas pelas pesquisas estatísticas sobre os usos do tempo. Partimos, ainda, do pressuposto de que o tempo do trabalho das mulheres rurais está, entre outros fatores, intimamente relacionado às dinâmicas da natureza e do contexto socioambiental local.

A pesquisa intitulada Mulheres rurais e uso do tempo: divisão sexual do trabalho e relações de gênero no estado de Pernambuco tem como objetivo investigar a rotina de mulheres rurais do sertão pernambucano brasileiro, através do acompanhamento de suas atividades cotidianas no espaço doméstico e fora dele, por um período mínimo de 24 horas ininterruptas. Os critérios de escolha das participantes envolveram dois importantes aspectos: que a mulher participante fosse a principal responsável pelas atividades domésticas do seu domicílio e, fosse de origem da zona rural e permanecesse residente na comunidade onde nasceu ou em outra comunidade rural. Não adotamos como critérios excludentes em relação à faixa etária, estado civil, número de filhas/os, orientação sexual, cor, etnia ou ocupação específica (entendemos que nem todas as mulheres rurais são agricultoras), pois, atentamos para a importância de abarcar a diversidade das mulheres rurais, de forma que compreendemos que esta diversidade interfere diretamente no modo de vida e por consequência, na administração do tempo.

Para a mobilização das mulheres, contamos com o apoio de organizações, entidades e grupos parceiros³ do DADÁ: Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero, Sexualidade e Saúde da UFRPE-UAST, grupo no qual somos integrantes. É importante destacar que uma pesquisa que adota métodos e técnicas que adentram a intimidade de suas interlocutoras e de suas famílias, só foi possível devido à relação de confiança construída entre nós, integrantes do DADÁ, as instituições parceiras e os grupos de mulheres. Algumas mulheres participantes da pesquisa eu (Lorena) já conhecia devido à realização de projetos anteriores de pesquisa e de extensão universitária; as demais mulheres, nós estabelecemos contato no momento da apresentação da pesquisa em suas comunidades, junto aos grupos de mulheres. A pesquisa e suas diversas etapas aconteceu em quatro municípios do Território do Sertão do Pajeú, região semiárida do estado de Pernambuco. Dentre as seis comunidades

³ Agradecemos a parceria do Fórum de Mulheres de Mirandiba, Feira Agroecológica de Serra Talhada – FAST, à Associação de Moradores da Comunidade Quilombola Serra do Talhado (Mirandiba - PE), à Associação de Moradores da Comunidade Quilombola Feijão e Posse (Mirandiba - PE) e ao Grupo Produtivo Doce Esperança (Santa Cruz da Baixa Verde - PE).

que visitamos, três são reconhecidas como território quilombola e, as outras três são de agricultores familiares.

A primeira etapa do processo metodológico da pesquisa Mulheres rurais e uso do tempo consistiu em uma atividade de extensão universitária, previamente agendada com a/s liderança/s das comunidades rurais contactadas, a fim de reunir os grupos de mulheres para discutirmos sobre divisão sexual do trabalho através de roda de conversas e dinâmicas participativas, em formato de oficinas, utilizando como instrumento político-pedagógico o material (vídeo, cartazes, sorteio de camisas e bolsas, folders) da Campanha Educativa intitulada Pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico⁴, elaborada pela Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste⁵.



Após apresentar a Campanha, dividíamos o coletivo de mulheres em subgrupos para a realização da dinâmica do relógio, e cada grupo menor era orientado por uma de nós, como monitoras. Nós, professoras, alunas e pesquisadoras, participamos de todas as etapas da pesquisa e, por essa razão, era fundamental este primeiro contato com as mulheres que se tornariam colaboradoras da pesquisa e que ainda não nos conheciam.

A dinâmica do relógio, referenciada acima, consiste na representação gráfica de dois relógios de ponteiro desenhados com hidrocor, no papel madeira, contendo as 12 horas do dia em cada relógio. A proposta era construir um consenso entre as mulheres para definir

⁴ Para saber mais ver: MORAES, Lorena Lima de; JALIL, L. M. ; SANTOS, Janaína Henrique dos ; COSTA, Michelly Aragão Guimarães ; OLIVEIRA, M. S. L. . Pedagogia Feminista como processo educativo para a reflexão da política pública de ATER no Nordeste. Revista Territórios, v. 4, p. 6-31, 2018.

⁵ Para saber mais sobre a Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste, ver: JALIL, Laeticia Medeiros; ESME-RALDO, Gema Galgani Silveira Leite; OLIVEIRA, Maria do Socorro de Lima. Rede feminismo e agroecologia do Nordeste. 1 ed. Recife: Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste, 2017. 198p.

todas as atividades realizadas durante suas rotinas de 24 horas. Esta dinâmica é interessante porque além das mulheres perceberem o volume de atividades que realizam ao longo do dia, a atividade ao ser realizada em grupo, permite a troca de experiências, possibilitando que algumas mulheres relatem atividades não identificadas por outras, proporcionando debates e reflexões sobre a divisão sexual do trabalho. Na busca de um consenso para definir o tempo gasto em cada atividade - quando os tempos se apresentaram distintos realizamos uma média.

Um dos momentos cruciais desta atividade se dava quando apresentávamos os dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD, 2013) que afirma que as mulheres rurais gastam 26,1 horas semanais em atividades domésticas. Ainda que a gente explicasse que se trata de uma média realizada a partir de uma amostra de mais de mil domicílios, as mulheres ficavam profundamente incomodadas e aceitavam participar da pesquisa, com o propósito de mostrar a realidade do seu cotidiano, caracterizada pela alta carga de trabalho doméstico e destinado ao mercado.

É importante ressaltar que durante as atividades de apresentação da pesquisa junto aos grupos de mulheres, organizávamos atividades paralelas para ocupar as crianças que acompanhavam as suas mães. Pois, na realização de atividades com mulheres, sobretudo, com as mulheres rurais, é de extrema importância a organização de espaços com atividades (pintura, desenho, brincadeiras, contação de histórias) voltadas para as crianças, pois, dessa forma, as mulheres ficam despreocupadas e mais concentradas nas oficinas nas quais estão participando.



Registros das oficinas na Comunidade Quilombola Feijão e Posse (Mirandiba – PE, Brasil)

É recorrente as mulheres rurais participarem das atividades acompanhadas das/os filhas/os pequenas/os, ainda que as atividades sejam realizadas nos fins de semana, ficando evidente a injusta divisão do trabalho doméstico e naturalização do cuidado como uma atividade feminina. Ainda que muitas delas não deixem de participar das atividades comunitárias e políticas porque não têm com quem deixar as crianças, fazendo-se assim uma ação de resistência, é uma “resistência” que se constrói na base do acúmulo de tarefas – trabalho

doméstico; trabalho de cuidado; trabalho para o mercado com e sem remuneração; participação política; comunitária; religiosa; etc.

A fim de coletar os dados sobre o uso do tempo das mulheres rurais, nós ficamos um (01) dia e uma (01) noite na casa das mulheres rurais acompanhando-as durante toda a sua rotina, por um período total de 24 horas. Utilizamos como instrumentos de pesquisa: a) um diário de uso do tempo para a anotação de cada tarefa realizada pelas mulheres, adotando como unidade temporal - minutos; b) questionário com questões abertas e fechadas para identificação do perfil das mulheres e informações qualitativas sobre as múltiplas dimensões envolvidas no uso do tempo das mulheres rurais; e c) caderno de campo para anotar as situações por nós observadas, nossos desconfortos e emoções, reconstituição das informações; contextualização do campo, etc. O diário de atividades se trata de uma planilha com oito colunas destinadas: ao registro das atividades realizadas; registro do início da atividade; registro do fim da atividade; a quem a atividade se destina/beneficia; quem ajuda na realização da atividade; o local onde a atividade é realizada (relatado pela mulher e observado pela pesquisadora) e a classificação das atividades ou tipos de trabalho.

A adoção dos referidos instrumentos responde à necessidade de se compreender “os percursos sexuais associados aos usos do tempo, evidenciando, por exemplo, que as categorias de idade, raça e/ou cor e sexo não se apresentam como simples variáveis; ao contrário, se articulam com os sistemas de hierarquia e de poder” (BANDEIRA; PRETURLAN, 2016). Nem sempre essas categorias são analisadas de maneira crítica às práticas realizadas no cotidiano, ao contrário, frequentemente são tratadas com naturalidade e neutralidade nas pesquisas.

O diário do uso do tempo possibilita uma cobertura do amplo rol de atividades e trabalhos realizados em uma diária, além de possibilitar estimativas de tempo mais precisas para cada um deles, bem como registrar sobreposições de tarefas e o ritmo de sua realização. Apesar de tornar a pesquisa mais complexa e trabalhosa, este instrumento sugere informações mais precisas, que não sejam orientadas pela percepção sobre um comportamento socialmente desejado, mas sim, pelo registro da atividade executada (CAVALVANTI et al, 2010).

Abaixo, segue uma versão simplificada do diário (cada hora contém 60 linhas correspondentes aos 60 min.):

As pesquisas do uso do tempo realizadas no Brasil à luz das pesquisas realizadas nos Estados Unidos e Europa, são feitas com a utilização de diários que são deixados na

Nome da pesquisadora: _____

Horário de chegada: _____ Horário de partida: _____

Nome da mulher acompanhada: _____

Município: _____ Comunidade: _____

Data: _____ Dia da semana: _____

Início	Término	Atividade Desenvolvida	Pra quem?	Teve "ajuda" de quem?	Local observado pela pesquisadora	Local relatado pela participante	Classificação da atividade
8h05	8h17	Lavou louça	UD ⁶	não	cozinha	cozinha	Trabalho doméstico para os membros da unidade domiciliar

Fonte: Elaboração própria.

8h

casa das/os moradoras/es e posteriormente apanhados. Nestes casos, a sistematização das atividades e do tempo gasto é feito pelo/a morador/a em um dia específico da semana, escolhido pelo/a pesquisador/a ou mediante sorteio. Outra metodologia adotada é a entrevista, que pode ser um complemento do diário ou ser utilizada como a única técnica de pesquisa. Quando utilizada sem outro instrumento complementar, a entrevista se limita na percepção da/o entrevistada/o sobre o tempo gasto nas tarefas desenvolvidas em seu cotidiano – podendo apresentar maior subnotificação das tarefas, bem como, dos tempos gastos nas mesmas.

Na nossa pesquisa, além do diário e caderno de campo, utilizamos como técnicas complementares o questionário e, em uma etapa futura, entrevistas semiestruturadas a fim de obter o perfil das mulheres participantes e suas percepções, bem como problematizar e cruzar as informações coletadas.

Por meio do diário de uso do tempo, nós realizamos a coleta de informações e identificação do uso do tempo das mulheres rurais, com o intuito de não retirá-las de suas rotinas e sem imprimir mais uma tarefa para elas. Entendemos que uma pessoa concentrada apenas em anotar o tempo gasto em cada tarefa, perde menos informações, se comparado às coletas realizadas pelas próprias mulheres, que além de estarem realizando suas tarefas diárias, ainda teriam que se lembrar de anotar o tempo gasto em cada uma delas – quando sabemos que as mulheres fazem mais de uma tarefa ao mesmo tempo.

Durante a oficina de mobilização com o grupo de mulheres, chamamos atenção para a importância da pesquisa no que tange a produção de dados mais próximos à realidade

⁶ Unidade domiciliar.

rural; sobre a importância delas não alterarem a sua rotina devido a nossa presença e, ainda, sobre a importância delas evitarem pedir a nossa ajuda para realizarem as tarefas, de modo que isso iria interferir nos dados. Nesse sentido, a mulher que aceita participar da pesquisa, sabe que terá a companhia de uma pesquisadora em seus trabalhos e atividades domésticas, políticas, religiosas, escolares e produtivas. Ainda que o interesse principal da pesquisa seja mensurar o tempo gasto com o trabalho doméstico e de cuidados, é importante registarmos o tempo gasto em todos os tipos de trabalho e atividades para que tenhamos um percentual comparativo do uso do tempo nas diversas atividades realizadas pelas mulheres rurais.

As visitas de campo foram realizadas em diferentes dias da semana, pois, a depender do dia da semana implica no reconhecimento de alterações na rotina de trabalho. A pesquisa de campo foi realizada ainda, contemplando duas épocas do ano distintas: meses que compreendem o “verão” ou período de estiagem de chuvas no semiárido brasileiro; e nos meses que correspondem ao período de chuvas ou, o chamado “inverno”, na região. Acompanhar a rotina das mulheres em diferentes períodos do ano implica na compreensão das diferentes dinâmicas ambientais e sazonais que influenciam diretamente no trabalho doméstico familiar e produtivo das mulheres rurais.

A fim de diminuir o impacto na rotina da participante, ainda que de forma financeira, a pesquisa garante uma pequena cesta de alimentos, uma vez que nós compartilhamos as três refeições com as mulheres e suas famílias. A cesta, composta por ovos, carne, goma de tapioca, cuscuz, arroz, feijão, macarrão, café e papel higiênico, era entregue diretamente à mulher que teve a rotina acompanhada, para que ela utilizasse os mantimentos como e quando achasse conveniente.

Com base na classificação da Pesquisa Piloto do IBGE 2009-2010 (CAVALCANTI et al, 2010), na International Classification of Activities for Time-Use Statistics (ICATUS) e na Classification of Time-Use Activities for Latin America and the Caribbean (CAUTAL) construímos a nossa classificação intitulada como **Classificação do Uso do Tempo em Atividades e Trabalhos Diários das Mulheres Rurais (CATMUR)**, que leva em consideração a realidade das mulheres rurais nordestinas brasileiras. Segue abaixo a lista de trabalhos e atividades da CATMUR que orienta metodologicamente e analiticamente a nossa pesquisa:

- 1- Trabalho remunerado destinado ao mercado
- 2- Trabalho não remunerado destinado ao mercado
- 3- Trabalho destinado ao auto consumo familiar
- 4- Trabalho doméstico destinado aos membros da unidade domiciliar
- 5- Trabalho doméstico destinado aos membros da família que residem fora da unidade domiciliar
- 6- Trabalho doméstico destinado às pessoas que não são da família e residem fora da unidade domiciliar
- 7- Trabalho de cuidado destinado aos membros da unidade domiciliar
- 8- Trabalho de cuidado destinado aos animais domésticos dos membros da unidade domiciliar
- 9- Trabalho de cuidado destinado aos membros da família que residem fora da unidade domiciliar
- 10- Trabalho de cuidado destinado às pessoas que não são da família e residem fora da unidade domiciliar
- 11- Trabalho de cuidado destinado aos animais domésticos de pessoas que não residem na unidade domiciliar
- 12- Trabalho voluntário (participação política / participação religiosa)
- 13- Atividades de aprendizagem e educação
- 14- Atividades de socialização e comunicação
- 15- Atividades de lazer
- 16- Autocuidado
- 17- Procurar emprego/trabalho
- 18- Cuidado com os bens comuns
- 19- Deslocamento

A CATMUR foi construída a partir de um investimento intelectual coletivo da nossa equipe da pesquisa, tendo participação ativa de alunas, professoras e demais profissionais/pesquisadoras que fazem parte do DADÁ. Além das classificações de pesquisas nacionais e internacionais que nos serviram como referência, a realização dos pré-testes in loco foi fundamental nesta etapa, para percebermos que as referidas classificações não contemplavam a realidade das mulheres rurais, ao provocar questionamentos das nossas alunas, que são filhas e netas de mulheres rurais, no sentido de identificar a necessidade da inclusão de determinadas atividades na classificação. Foi a partir do pré-teste por exemplo, que identificamos a necessidade de inserirmos o item 2- Trabalho não remunerado destinado ao mercado; pois percebemos que as mulheres frequentemente desenvolvem um trabalho ou participam de parte da produção que será destinada ao mercado, sem receber recompensa financeira. Assim, o valor monetário arrecadado, fruto do trabalho da mulher não retorna para ela, mas sim, para a pessoa responsável pela comercialização, frequentemente, o seu marido.

Nesse sentido, o Trabalho não remunerado destinado ao mercado também pode ser entendido como parte de uma relação econômica afetiva - quando a mulher executa a ação, participa da produção, desenvolve um produto, e o retorno está permeado pelo afeto, amor, solidariedade e não pela recompensa monetária. Esta relação econômica afetiva é

frequentemente vista nos núcleos familiares e geralmente, realizada pelas mulheres - como exemplo, observamos: uma mãe debulhando feijão para a filha vender na feira; outra mãe higienizando garrafas pet para os filhos comercializarem água de coco e caldo de cana, e, em nenhum dos casos as mães se beneficiam diretamente do retorno financeiro proveniente da comercialização dos produtos. Este item da CATMUR se relaciona com a máxima feminista que se refere ao trabalho doméstico “o que você chama de amor, nós chamamos de trabalho não pago” (FEDERICI, 2019), porém, neste caso, refere-se ao trabalho destinado ao mercado, que também não se remunera e se sustenta nas relações afetivas familiares para reproduzir o abuso e a exploração do trabalho feminino.

A CATMUR composta por dezenove (19) grandes grupos de trabalhos e atividades, também chama atenção para as atividades e trabalhos destinados aos membros da família que residem ou não na unidade domiciliar e às demais pessoas da comunidade. No meio rural e nas cidades interioranas, as relações sociais são permeadas por laços de afetividade mais estreitos, valores mais tradicionais e relações de reciprocidade. Dessa maneira, se faz necessária a inclusão de itens que contemplem as atividades e trabalhos diários destinados às pessoas que não residem na unidade domiciliar, ampliando ainda, para os trabalhos domésticos e de cuidado (não remunerados) que são realizadas aos demais integrantes da comunidade que não compõem a unidade familiar, pois, faz parte de uma moralidade camponesa, sobretudo, reproduzida pelas mulheres, o cuidado, a atenção, a escuta, a ajuda aos membros da comunidade independente das relações de parentesco e consanguíneas.

Ela termina de aprontar o almoço, e limpar umas coisas para que nós pudéssemos almoçar e ir para a casa do seu filho que fica atrás da dela. Durante o almoço perguntei pelo companheiro dela que até aquele momento não estava na casa, ela me disse que ele estava na cidade e que estava perto de chegar. Sobre ir para a casa do seu filho, ela me disse que sempre vai porque tem algumas plantas que ela cultivava e uma caixa d'água para regar, mas para limpar a casa é de 8 em 8 dias, pois não mora ninguém. O seu filho dono da casa mora no Mato Grosso, mas planeja um dia morar voltar a morar lá e já foi algumas vezes para a casa (Registros do caderno de campo de Nathália ao acompanhar Beth⁷).

Além dos dezenove grupos de trabalhos e atividades diárias das mulheres rurais, com exceção do item 19 (Deslocamento), os demais itens apresentam subitens que se referem à: gestão do trabalho, seja para o mercado, doméstico, de cuidado, etc., que corresponde ao planejamento, orientação, atribuição ou distribuição das atividades demandando de outras pessoas e execução das mesmas; gestão do trabalho com os recursos naturais e outros recursos (água, resíduos sólidos, biodiversidade) usados nos diferentes tipos de trabalhos e

⁷Os nomes das mulheres acompanhadas na pesquisa de campo foram modificados para garantir a privacidade das mesmas.

atividades, que corresponde ao planejamento, orientação ou atribuição da utilização desses recursos atribuída a terceiros, para a execução da atividade, por exemplo, na situação que a mulher demanda que alguém colete água para que ela execute um determinado trabalho; manejo dos recursos naturais e outros recursos (água, resíduos sólidos, biodiversidade) usados nos diferentes tipos de trabalhos e atividades, compreendem as atividades relacionadas à coleta, armazenamento, separação dos resíduos sólidos e orgânicos, organização do lixo, catar lixo do sítio, levar para ponto de coleta, queimar na própria propriedade, reutilizar lixo orgânico na composteira, minhocário ou no pé das plantas, etc. realizados pela própria mulher. O manejo dos recursos naturais e dos resíduos sólidos é um trabalho recorrente e acontece paralelamente aos demais tipos de trabalho, para exemplificar, Roberta destaca como Graça lida com a água utilizada no trabalho doméstico:

Na casa de Graça tudo era reaproveitado de alguma forma, a água usada para lavar os pratos era também a mesma usada para regar as plantas da parte do quintal mais próximo da cozinha, cascas de frutas e legumes eram todas jogadas em um balde, para depois serem jogadas como alimento para os porcos. A água utilizada na limpeza da casa e na lavagem das roupas era depois usada para regar as plantas que decoravam a frente da casa, plantas essas que Graça cuidava com muito amor, pois algumas traziam para ela a memória de sua mãe (Registros do caderno de campo de Roberta ao acompanhar Graça).

Nos trabalhos voltados ao cuidado, além dos itens relacionados à gestão e manejo dos recursos naturais e outros recursos, acrescentamos a gestão do próprio cuidado, que corresponde a atribuição do trabalho de cuidado a uma terceira pessoa, e ainda, o cuidado com os bens comuns, no que tange o cuidado das mulheres com as florestas, com os rios, com o território, ou seja, com a reprodução do modo de vida, que ultrapassa interesses individuais e familiares, mas sim, perpetua uma visão anticapitalista e comunitária daquilo que deve servir e ser cuidado por todos, mas que temos observado, o protagonismo quase exclusivo das mulheres.

Se faz necessário chamar atenção para as atividades de gestão e para a sua distinção em relação ao manejo, ou execução da atividade em si, uma vez que, as mulheres além de executarem as atividades nas quais estão diretamente envolvidas, permanecem atentas às demais tarefas que estão por fazer e, frequentemente as demandam da pessoa que estiver mais próximo a ela.

Enquanto Joana colocava o feijão para cozinhar, pediu para Rafaela (filha) dar o remédio do seu avô, pois já se encontrava no horário indicado. Porém, Rafaela não atendeu o pedido da mãe, pois estava no celular e depois foi assistir televisão. Joana que já tinha falado com a filha três vezes, deixou a panela no fogo, encheu um copo d'água, pegou o remédio e foi ela mesma levar o remédio para seu pai, que se encontrava na varanda da casa (Registros do caderno de campo de Lorena ao acompanhar Joana).

É importante destacar que as mulheres estão atentas a tudo o que ocorre dentro e fora da casa, realizam as atividades, demandam, cobram, nem sempre são atendidas, executam as atividades pendentes, e sem outra escolha, distribuem seu tempo de maneira exaustiva.

A atenção que as mulheres destinam a todos ou quase todos os eventos que acontecem em torno e no interior do lar, não pode ser explicada de maneira essencialista, como se apenas as mulheres/mães/esposas fossem capazes de saber, lembrar, conhecer as necessidades da casa, das pessoas e dos animais, pelo contrário, as mulheres, adquirem este "dom" porque são responsabilizadas a executar ou organizar tais atividades de maneira solitária e, são treinadas desde a sua infância. A cobrança social pelo bom funcionamento do lar, que se embasa no acúmulo de tarefas, muitas vezes acarreta na carga mental que pode levar a um desgaste emocional e psíquico.

E é neste sentido, que utilizamos em destaque a palavra ajuda no diário de atividades utilizado na pesquisa de campo, pois, quando falamos em "ajuda", nos referimos a um auxílio de uma segunda pessoa (que frequentemente se deu mediante demanda) na execução da tarefa e não no compartilhamento da responsabilidade diária da execução da tarefa.

4. Trabalho de campo muito além da coleta de dados

O trabalho de pesquisa fundamentado na pesquisa de campo esbarra frequentemente com questionamentos de cunho epistemológico e metodológico que dizem respeito à influência do/a observador/a nos espaços e nas relações que se desenrolam no contexto observado. Levando em consideração essa preocupação, o trabalho de levantamento de dados e observação que realizamos, optou por reconhecer conscientemente a existência dessa "influência" no estabelecimento do processo de observação. Para minimizar os efeitos da nossa presença, no entanto, utilizamos estratégias de familiarização com as mulheres pesquisadas, que nos deram a oportunidade de criar laços de sociabilidade e proximidade, facilitando nosso acesso aos espaços e experiências da vida privada cotidiana dessas famílias.

A nossa chegada na comunidade rural para a realização da pesquisa de campo, em sua maioria das vezes, se dava em torno das 8 horas da manhã, pois, o município mais próximo no qual realizamos a pesquisa se encontra a 25 km e o mais distante 64 km, até

a sua área urbana. Dentre esses e outros motivos, chegar cedo nas comunidades se fazia uma tarefa difícil. No entanto, é sabido que até 8h ou 9h da manhã, as mulheres rurais já desenvolveram inúmeras tarefas que comportam a sua jornada de trabalho e, com a finalidade de não perder as atividades executadas nas primeiras horas da manhã, tampouco, aquelas que precedem o descanso noturno, permanecemos nas casas das mulheres entre 24 e 26 horas.

Entre o momento de mobilização para a pesquisa, realizado através das atividades de extensão universitária nas comunidades rurais, e o dia da nossa ida para o trabalho de campo, as mulheres que aceitaram participar da investigação comunicam aos demais membros da casa que irão nos receber e que iremos dormir em suas residências. A receptividade e solidariedade ainda muito vigente no meio rural, sobretudo, no Nordeste brasileiro, torna a nossa estadia muito tranquila, prazerosa e regada a muita afetividade.

Nos aproximamos do carro e Rúzia fala “vai ter que dar uma apertadinha”, já que agora iriam 6 pessoas no carro (para o centro da cidade). Confesso que fiquei um pouco tímida, porque senti que eu poderia estar atrapalhando por ser mais um peso no carro, em fazer com que o pessoal se apertasse e o ex-companheiro de Rúzia (dono do carro) achasse ruim. Porém, fui recebida muito bem por todos e, em questão de minutos parecia que já os conhecia, principalmente Rúzia, que estava do meu lado e foi o caminho todo conversando comigo (Registros do caderno de campo de Nathália ao acompanhar Rúzia).

A pesquisa de campo para a coleta dos dados referentes às atividades diárias das mulheres rurais ocorreu principalmente, com o auxílio do diário de campo, mencionado anteriormente. Acompanhamos as mulheres durante pelo menos vinte e quatro horas anotando todas as atividades que elas desenvolviam. Percebemos que a anotação ininterrupta chamava mais atenção dos demais membros da família do que da mulher acompanhada. Algumas mulheres chegavam a ignorar o diário, ou questionam “vai anotar até isso?” - diante de um trabalho que não era valorizado por ela, já outras mulheres, não esqueciam do diário e chegavam a nos cobrar a anotação de todo o seu trabalho, demonstrando autovalorização - “anota isso aqui, viu, está anotando tudo?”

Mesmo tendo conversado com as mulheres previamente para que elas não alterassem a sua rotina, temos consciência que a nossa presença já é um fator de interferência naquela realidade. Trata-se de alguém de fora, que é de fora da casa, de fora da comunidade, que é da universidade e está ali para observar e registrar cada passo da mulher, minuto a minuto. Contudo, este método etnográfico do uso tempo, ainda que realizado somente durante uma diária de 24h, se faz muito intenso tanto para a mulher acompanhada como

para nós, pesquisadoras, e as mulheres diante de uma rotina um tanto quanto exaustiva, de fato, não tinham tempo de alterar “demais” os seus afazeres.

Ela relatou que nunca tem lazer. Nunca descansava, nem viajava. Disse que havia mais de 6 anos que não saía de Mirandiba e nos últimos 18 anos só tinha feito duas viagens, uma para Floresta (69km de distância de onde ela mora) e outra para Juazeiro do Padre Cícero (165km). No dia seguinte, levantou às 05:00. Realizou diversas atividades durante uma hora, como cuidar dos animais e deixar o almoço encaminhado. Em seguida se deslocou por 9 minutos para ajudar os parentes a cozinhar arroz, macarrão, macaxeira, e carnes de porco, bode e galinha para ser servidos após a celebração da missa de comemoração de 1 ano da morte de um parente dela, muito conhecido na comunidade por sua atuação religiosa (Registros do caderno de campo de Crisleide ao acompanhar Rita).

Assim, reconhecemos a interferência da nossa presença e a mudança de rotina das mulheres e de seus familiares, ainda que nem sempre tenha se apresentado visivelmente para nós, contudo, consideramos que a metodologia adotada nesta pesquisa possibilite uma maior aproximação da realidade das mulheres – diante da contabilização do tempo dos seus trabalhos e atividades diários.

A nossa interferência era uma questão que nos inquietava bastante durante a etapa da concepção do projeto de pesquisa, pensávamos que a nossa presença poderia atrapalhar as mulheres em suas atividades, pois, desde outros projetos, sabíamos que as mulheres não perderiam a oportunidade de se estender em longas conversas. Outra preocupação de parte da equipe, era em relação à comida, afinal mais uma boca para as três refeições, obviamente que iria pesar no trabalho das mulheres. E nos enganamos nos dois aspectos, e fomos salientadas por nossas alunas

– de origem rural – que nos garantiram que as mulheres fazem comida em maior quantidade diariamente, em relação ao suficiente para alimentar as/os moradoras/es da unidade domiciliar. E a quantidade excedente de comida se relaciona com a resposta para a nossa primeira inquietação, pois, as mulheres rurais recebem visitas inesperadas com muita frequência e o desenvolvimento do trabalho doméstico, de cuidado ou para o mercado é realizado em conformidade com o ato de prosear.

A nossa estadia intensa com as mulheres, por vezes, possibilitou conversas de cunho íntimo, desabafos e revelações, e, em sua maioria o tema principal era as relações opressoras de gênero, decorrente do machismo de seus maridos. A pesquisa do uso do tempo nos garante a possibilidade de contabilizar o tempo destinado às atividades e distintos trabalhos das mulheres ao longo de suas rotinas, conforme era o nosso interesse, mas também, possibilitou o fortalecimento da nossa relação de confiança para além da abertura das portas para a realização da pesquisa, na medida em que aos nossos ouvidos foram confiadas histórias íntimas de sofrimento, superação e confidências. Assim, o registro das atividades e do tempo dispensado, era acompanhado do relato da vida íntima, de maneira que as mulheres

aproveitavam os ouvidos não comunitários, para confidenciar histórias e situações que deveriam ser levadas para longe com a nossa partida e, assim, estariam livres das fofocas e julgamentos morais da comunidade e familiares.

5. Análise feminista dos dados e valorização do trabalho das mulheres

A nossa pesquisa, orientada pela CATMUR objetiva sugerir pistas para sanar, sobretudo, o desafio de contabilizar e identificar os trabalhos e atividades realizados de maneira simultânea e valorizar o trabalho de gerência das atividades, no qual as mulheres são submetidas diariamente.

A CATMUR foi pensada para auxiliar pesquisas qualitativas, realizadas através da observação e do trabalho de campo, podendo ser utilizada para quantificar o uso do tempo das mulheres e homens em sua ampla diversidade. Em relação às atividades simultâneas, algumas pesquisas do uso do tempo pedem para as mulheres elegerem a atividade principal e a atividade secundária. Preocupadas, sobretudo, com a carga mental das mulheres e com a necessidade de expor a sobrecarga a qual as mulheres estão submetidas, como poderíamos solicitar ou eleger a atividade principal diante da seguinte situação, que em diversas configurações, se faz recorrente? Criança no colo (trabalho de cuidado destinado aos membros da unidade domiciliar), enquanto mexe a comida na panela (trabalho doméstico destinado aos membros da unidade domiciliar) e pede para o filho desligar o sistema de irrigação do quintal produtivo (demandar o trabalho com a água usada no trabalho remunerado para o mercado). Diante desta complexidade, como contabilizamos o tempo? Além de contabilizar o número de atividades realizadas simultaneamente (para este caso: três (3), registramos o tempo gasto para fazer a comida (exemplo: 15 minutos), mais o tempo que a mulher permanece com a criança no colo (exemplo, 3 minutos), mais 1 minuto para a solicitação, ainda que ela tenha levado alguns segundos para proferir a demanda.

Dessa maneira, todas as atividades simultâneas são identificadas, valorizadas e contabilizadas e o ato de demandar a terceiros outras atividades, são superestimadas, ganhando o “valor” de 1 minuto para cada demanda. Esta escolha de contabilizar o tempo acima da realidade, se encontra em consonância com as mágicas que as mulheres fazem para multiplicar o seu tempo e dar conta de todas as atividades para garantir a boa funcionalidade da casa, da propriedade e o conforto de todos que vivem ao seu redor. Diante da realidade da injusta distribuição e responsabilização do trabalho doméstico, esta pesquisa vem para expor a carga de trabalho surreal a qual as mulheres se encontram submetidas.

Com o intuito de abandonar o “esquema produção-reprodução”, que historicamente foi construído sob uma hierarquia generificada, adotamos em nossa classificação de atividades os termos “trabalho doméstico”, para nos referirmos ao que é entendido como trabalho para a boa funcionalidade do lar, além do “trabalho de cuidado” e, “trabalho destinado ao

mercado”, para o que compreende-se como trabalho produtivo e que prevê uma remuneração monetária. Ainda assim, as atividades do cotidiano estão longe de se restringir a este esquema binário (produção- reprodução) da vida social e, no que tange a vida em contextos rurais, as atividades cotidianas partem de uma outra lógica das relações sociais que busca a sustentabilidade da vida comunitária.

Envolvidas em diversas atividades que preenchem o seu cotidiano, as mulheres rurais não convivem com a ideia da jornada de trabalho com marcação definida de tempo, ou seja, que possui um início e um fim. O trabalho das mulheres rurais admite um caráter de continuidade e sem definição de começo e término em sua rotina. Essa estrutura na qual se reproduz o trabalho das mulheres rurais, contribui para a desvalorização e invisibilidade do mesmo (FARIA, 2009; MELO, DI SABBATO, 2009). As mulheres rurais não são reconhecidas como sujeitos ativos dos processos produtivos, sendo invisibilizadas enquanto trabalhadoras nos processos de produção e reprodução da agricultura familiar (SILVA; PORTELLA, 2010). Os diversos estudos sobre relações de gênero no meio rural, principalmente quando destacam a questão da divisão sexual do trabalho, reconhecem a invisibilidade e desvalorização do trabalho executado pelas mulheres. Além das atividades domésticas na unidade familiar, as mulheres rurais cuidam dos pequenos animais e de seus quintais produtivos. No entanto, como essas atividades são direcionadas, em sua grande parte, para o autoconsumo familiar, esse trabalho não é contabilizado, tampouco reconhecido e valorizado, uma vez que não gera renda monetária.

As mulheres também trabalham na roça, no entanto, é consenso entre todos os estudos feministas que abordam a realidade das mulheres rurais, que o trabalho das mulheres na produção agrícola é entendido como “ajuda” pelos demais membros da família ou da comunidade. Contudo, esse trabalho (percebido como “ajuda”) possui frequência diária, logo, é associado ou confundido com as atividades domésticas. Como tal, não é remunerado e não faz da mulher um sujeito ativo na decisão da produção, comercialização e da aplicação do dinheiro arrecadado com a produção ou proveniente das políticas públicas. Percebe-se claramente as relações de poder entre homens e mulheres na divisão sexual do trabalho, admitindo uma relação hierárquica que torna evidente que a gestão da produção não é igualitária ou sequer compartilhada.

Os estudos sobre usos do tempo tornam visíveis as variadas atividades e trabalhos que são realizados ao longo do dia, de forma que quantifica o tempo destinado às atividades, explicita as pessoas responsáveis por cada tarefa e torna evidente quem se beneficia do trabalho alheio.

6. O que aprendemos e o que compartilhamos?

Todo o processo da pesquisa Mulheres rurais e uso do tempo nos proporcionou momentos incríveis de troca de saberes. Contudo, não temos dúvidas de que aprendemos mais do que ensinamos. O nosso intuito, além de contabilizar o tempo e os diferentes tipos de trabalhos e atividades que as mulheres rurais desenvolvem ao longo do dia, era exercitar com elas a autovalorização desse trabalho e das suas atividades. E mostrar, que elas estão inseridas num sistema de exploração de trabalho físico e emocional, para então, criarmos estratégias de mudança na esfera familiar. A construção das estratégias será desenvolvida em etapa posterior, pois, ainda estamos trabalhando nos dados coletados, no entanto, só a nossa presença na casa das mulheres já possibilitou ao menos um princípio de reflexão dos demais membros da família, pois, explicávamos a todos o objetivo da pesquisa e o que tanto anotávamos. Além dos diversos trabalhos e atividades registrados e visibilizados através da CATMUR, esta metodologia também nos mostra o quanto que as mulheres se deslocam ao longo do dia, os diversos locais nos quais seus trabalhos são executados e, quem se beneficia diretamente dele.

Vale ressaltar que todos os trabalhos das mulheres são integrados à conservação da natureza e da vida comunitária, elas reutilizam água, restos de vegetais, cuidam das plantas nativas, estudam e repassam seus conhecimentos sobre as plantas medicinais, reciclam o lixo, cuidam dos animais domésticos da sua casa e de outras casas, cuidam dos seus filhos e dos filhos da comunidade, participam de reuniões e projetos que trazem melhorias para a sua família e também para a comunidade, participam e organizam eventos sociais e religiosos.

Depois que soltou os animais, Graça sentou na varanda para fumar e descansar os joelhos doloridos, disse que o seu domingo costumava ser vago e não tinha muitas coisas para fazer, continuou a conversa comigo, então realizei o questionário, após terminar de responder, começou a comentar sobre como ela considerava essa pesquisa importante e que daria visibilidade pra mulher da roça. Logo após o término do questionário, ela foi rapidamente dar a comida dos porcos, quando voltamos para a casa já havia dado o horário de partida. Agradei pela hospitalidade de Graça, que foi tão querida comigo, e como abriu as portas da sua casa para me receber. Um ambiente tão pobre, mas com pessoas extremamente ricas de coração, acredito que seja uma experiência gratificante para todas nós pesquisadoras que temos o privilégio de conhecer essas mulheres (Registros do caderno de campo de Roberta ao acompanhar Graça).

Referências bibliográficas

AGUIAR, Neuma. Múltiplas temporalidades de referência: trabalho doméstico e trabalho remunerado em uma plantação canavieira. *Revista Gênero, Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero (Nuteg) da Universidade Federal Fluminense*, v. 1, n. 2, 1. sem., 2001.

AGUIAR, Neuma. "Metodologia para o levantamento do uso do tempo na vida cotidiana no Brasil", Melo, H.P de, (org) Dossiê A perspectiva feminista e os trabalhos sobre "Usos do Tempo", *Revista Econômica*, Rio de Janeiro, v 12, n 1, p. 64-82, junho2010.

ARAYA, M. J. Un acercamiento a las encuestas sobre el uso del tiempo con orientación de género. Santiago de Chile: Cepal – Unidad Mujer y Desarrollo, 2003.

BANDEIRA, Lourdes Maria; PRETURLAN, e Renata Barreto. As pesquisas sobre uso do tempo e a promoção da igualdade de gênero no Brasil. In: Fontoura, N.; Araújo, C. et al. (Orgs). *Uso do tempo e gênero*. Rio de Janeiro: UERJ, 2016. 268p.

CARRASCO, Cristina. A Sustentabilidade da Vida Humana: um assunto de mulheres? In: Faria N. e Nobre M. *A Produção do Viver*. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, p. 11-49. 2003.

CAVALCANTI, Lara G. de A. et.al. A Pesquisa Piloto de Uso do Tempo do IBGE 2009/2010. Texto apresentado no Fazendo Gênero 9. Anais... Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis, SC, 23 a 26 de agosto de 2010.

FARIA, Nalu. Economia feminista e agenda de luta das mulheres no meio rural. In: BUTTO, Andrea (Org.). *Estatísticas Rurais e a Economia Feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres*. Brasília: MDA, 2009, p.11-28.

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Editora Elefante, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD)*. Rio de Janeiro, v. 33, p.1-133, 2013.

MELO, Hildete Pereira de Melo; DI SABBATO, Alberto. Gênero e trabalho rural 1993/2006. In: BUTTO, Andrea (Org.). *Estatísticas Rurais e a Economia Feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres*. Brasília: MDA, 2009, p. 31-120.

SILVA, Carmem; PORTELLA, Ana Paula. Divisão sexual do trabalho em áreas rurais no Nordeste brasileiro. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide (Orgs.). *Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas*. 2 ed. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2010. p.127-144.

SOROKIN, Pitirim A.; MERTON, Robert King. Social Time: A Methodological and Functional Analysis. *The American Journal of Sociology*, 42(5):615-629. 1937.

SOUZA, Amaury. *As 24 horas do dia de um carioca*. Rio de Janeiro, [s.n.]. 1973.